

Domínios da Imagem

**SUPERMAN E A VIRADA
CONSERVADORA DE REAGAN: UMA
REFLEXÃO SOBRE O IMAGINÁRIO
HEROICO NA CULTURA POLÍTICA
DOS ESTADOS UNIDOS (1978-
1986)**

Fernando Forattini

Bruno Andreotti

vol. 17, n. 33. dezembro de 2023





SUPERMAN E A VIRADA CONSERVADORA DE REAGAN: UMA REFLEXÃO SOBRE O IMAGINÁRIO HEROICO NA CULTURA POLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS (1978-1986)

Superman and the Reagan Conservative Turn: A Reflection on the Heroic Imaginary in the Political Culture of the United States (1978-1986)

Fernando Miramontes Forattini¹
Bruno Leonardo Ramos Andreotti²

Resumo: Este artigo explora como o imaginário heroico americano influenciou a virada conservadora, liderada por Ronald Reagan, em 1980, e sua relação com a ideologia política dos Estados Unidos. Enfatizamos a análise do mito do Superman em si, dentro do contexto histórico que suscitou o desejo por lideranças que exibissem características heroicas de determinação e força, em contraste com a percepção de fragilidade associada a Jimmy Carter. Com uma abordagem histórico-cultural, investigamos a relevância dos heróis e mitos na sociedade americana. O imaginário heroico, nos EUA, é marcado por uma divisão moral entre bem e mal, refletindo-se na política. O artigo se baseia em análises de discursos políticos, campanhas eleitorais, cobertura midiática e literatura especializada para demonstrar como o mito do Superman se entrelaça com a ideologia política americana. A interação entre o imaginário heroico e a ideologia política é vista como uma dinâmica de mobilização, identificação aspiracional e feedback discursivo-ideológico. A singularidade do estudo reside na análise do papel dos heróis na construção do imaginário político americano e na complexa relação entre imaginário heroico e ideologia política. Isso contribui para a compreensão da política americana em seu contexto social e cultural, enriquecendo os estudos de imaginário e política. A crescente popularidade do Superman após o mandato de Carter, impulsionada pelo filme Superman (1978), reflete não apenas uma coincidência, mas uma resposta consciente ao espírito da época. Ela representa uma estratégia coordenada por novos atores no Partido Republicano, apoiados por interesses empresariais, para transformar a paisagem política, tanto nos EUA quanto globalmente.

¹ Doutor em História pela PUC-SP, São Paulo, SP, Marie Curie Pós-doutorando em Corrupção e Violência de Gênero pela Dublin City University. fernandomiramontes@yahoo.com.br

² Doutor em História pela PUC-SP, São Paulo, SP, Professor na Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação “Paulo Renato Costa Souza” (EFAPE). e-mail: brandreotti@gmail.com



Palavras-chave: Imaginário heroico; Conservadorismo; Ronald Reagan; Ideologia Política; Superman.

Abstract: This article explores how the American heroic imaginary influenced the conservative shift led by Ronald Reagan in 1980 and its relationship with the political ideology of the United States. We emphasize the analysis of the Superman myth itself, within the historical context that elicited a desire for leadership displaying heroic characteristics of determination and strength, in contrast to the perceived fragility associated with Jimmy Carter. Employing a historical-cultural approach, we delve into the significance of heroes and myths within American society. The American heroic imaginary is characterized by a moral division between good and evil, which finds its reflection in politics. The article is based on analyses of political speeches, electoral campaigns, media coverage, and specialized literature to demonstrate how the Superman myth intertwines with American political ideology. The interaction between the heroic imaginary and political ideology is viewed as a dynamic of mobilization, aspirational identification, and discursive-ideological feedback. The uniqueness of the study lies in analyzing the role of heroes in shaping the American political imaginary and the intricate relationship between heroic imaginary and political ideology. This contributes to understanding American politics within its social and cultural context, enriching the field of studies on the imaginary and politics. The rising popularity of Superman following Carter's presidency, catalyzed by the success of the movie *Superman* (1978), reflects not mere coincidence, but a conscious response to the spirit of the era. It represents a coordinated strategy by new players within the Republican Party, supported by business interests, to transform the political landscape both in the U.S. and globally.

Keywords: Heroic imaginary; Conservatism; Ronald Reagan; Political ideology; Superman.

INTRODUÇÃO

Durante os anos 1970, os Estados Unidos enfrentaram uma série de desafios políticos, econômicos e sociais que minaram a confiança do público na capacidade de os líderes tradicionais lidarem com esses problemas. Os escândalos de corrupção na administração Nixon, que levaram à renúncia do presidente em 1974, abalaram a confiança dos americanos nas instituições governamentais (FORATTINI, 2022). O caso Watergate, que envolveu



espionagem de opositores políticos e tentativa de obstrução da justiça, foi o que mais mobilizou a opinião pública (OLSON, 2016). Além disso, a Guerra do Vietnã, que terminou em 1975, deixou uma sensação de fracasso e desgaste na população, criando um ambiente propício para uma candidatura que promettesse mudança e renovação.

Nesse sentido, a eleição de Jimmy Carter, em 1976, foi marcada pela promessa de reforma política e renovação do sistema. Carter era ex-governador do estado da Geórgia e apresentava-se como um político sem ligações com Washington e com a máquina partidária. Ele usou sua carreira como agricultor e empresário para destacar suas credenciais como um candidato do povo. Sua campanha enfatizava transparência, honestidade e eficiência na gestão governamental, o que ganhou a atenção do eleitorado. No entanto, a falta de experiência de Carter na política nacional mostrou-se uma dificuldade para governar o país. Ele enfrentou resistência no Congresso, onde não tinha uma base sólida de apoio, e teve problemas para formar uma equipe coesa de assessores e secretários (HAAS, 1992). Além disso, a economia americana estava sofrendo com alta inflação e desemprego, e a política externa estava em conflito devido à crise dos reféns americanos no Irã. A saber: a captura de 52 cidadãos americanos na embaixada em Teerã, em novembro de 1979, tornou-se símbolo do fracasso da política externa de Carter, com muitos argumentando sobre sua incapacidade de proteger os interesses dos Estados Unidos no mundo, devido à sua falta de firmeza e liderança (idem).

Sua política de tentar conter a inflação com severo aumento de impostos e da taxas de juros e com restrição orçamentária alienou sua base de apoio, que esperava mais investimentos estatais, especialmente na área social, bem como conseguiu reunir a oposição, que dizia que a política econômica de Jimmy Carter estrangulava o crescimento econômico,



aumentando o apoio a propostas neoliberais, visando maior incentivo à iniciativa privada e a redução de impostos e da taxa de juros mediante pressão exercida sob o FED, comandado por Paul Volcker , em favor de um Estado mínimo – algo antes rejeitado como extremista pelo partido republicano –, em detrimento de propostas liberais menos agressivas e que visavam maior papel do Estado no campo social (CANNON, 2008).

A campanha presidencial de 1980 tornou-se uma disputa sobre liderança, capacidade de governar, valores tradicionais e, principalmente, sobre os limites do liberalismo, impulsionando as campanhas conservadoras (CANNON, 2008; TEMPO, 2011; WEISBROT; MACKENZIE; CALVIN, 2008). Tanto candidatos democratas quanto republicanos culpavam a falta de liderança de Carter pelos problemas do país em suas campanhas e debates, como fez Ted Kennedy contra Carter nas primárias democratas.

Kennedy enfatizou a Liderança, um tema ao qual ele voltaria repetidas vezes como sua principal crítica a Carter e uma palavra de ordem que se tornaria o veículo para todos os ressentimentos ... do Partido Democrata em relação ao presidente: “[Kennedy:] Para alcançar a reforma de que precisamos, devemos ter uma liderança genuína no Partido Democrata” (WARD, 2019, p. 23, tradução do autor)

Ronald Reagan, o candidato republicano, emergiu como figura política forte e carismática, apresentando-se como o herói capaz de restaurar a grandeza da América e de enfrentar os desafios da época. O slogan de sua campanha demonstrava essa asserção: “Leadership ‘80””. Seu projeto econômico neoliberal, antes denunciado por George Bush Sr. e sua equipe como “voodoo economics” (NYT 24/10/1982), e que havia levado à sua derrota nas primárias republicanas das eleições de 1976, finalmente encontrou apoio no Partido Republicano e nas empresas que o apoiavam (CANNON, 2008). No entanto, mais importante que sua aceitação em seu partido era sua relação com o eleitorado, via exploração de valores tradicionais-conservadores,



incluso o apelo à religião, e de sua imagem de um líder outsider da política, apesar de ser o ex-governador da Califórnia, com uma plataforma política e discursiva mais agressiva e denunciando o liberalismo como fraco e ineficaz, ultimamente alavancando uma nova forma de conservadorismo na política estadunidense (LEVITSKY e ZIBLAT, 2019).

Nesse contexto, a literatura acadêmica sobre o período Carter, a subsequente ascensão de Reagan e a emergência de uma nova forma de conservadorismo nos EUA corrobora o que foi exposto até agora. Trata-se de literatura vasta e diversa, cobrindo ampla gama de tópicos, desde a política externa e a economia até a cultura popular e a retórica política. Muitos apontam à chamada “crise de confiança”, que abalou a nação durante o governo de Carter, com boa parcela da população americana se sentindo desencantada com a política e desiludida com seu futuro (STRONG, 1986). Algo admitido pelo próprio Carter em seu discurso em 1979:

A ameaça é quase invisível a olho nu. É uma crise de confiança. É uma crise que atinge o coração, a alma e o espírito de nossa vontade nacional. Podemos ver esta crise na crescente dúvida sobre o significado de nossas próprias vidas e na perda de uma unidade de propósito à nação” (CARTER, 1979 , traduzido pelo autor).

Essa falta de confiança foi resultado de uma série de fatores, incluindo a guerra do Vietnã, a inflação, o desemprego e a crise do petróleo de 1979, bem como uma série de escândalos políticos. Enfatizam a retórica de Carter, que muitas vezes era vista como ambígua e confusa, deixando muitos americanos sem saber exatamente suas posições políticas e econômicas que buscavam agradar ambos os lados (STRONG, 1986; HAAS, 1992; KAUFMAN, 2006).

A economia também é apontada como fator decisivo. Pela primeira vez desde os anos 1970, o declínio da supremacia estadunidense estava sendo sentido na economia da classe média. A economia estava sofrendo com altas taxas de inflação e desemprego, e muitos eleitores americanos viram em



Reagan um candidato que poderia resolver esses problemas. Como dito, a ênfase de Reagan em políticas econômicas conservadoras, como a redução de impostos e o aumento da desregulamentação, foi fundamental para sua eleição (ROBERTS, 1990; COVINGTON; KROEGER; RICHARDSON; WOODARD 1993; FAIR, 1982; HOWISON, 2013; WEISBERG; SMITH JR, 1991).

Outra vertente aponta o crescente papel da religião e dos “valores tradicionais” na política americana. Reagan mostrava-se como cristão devoto, e muitos eleitores americanos viram nele um defensor dos valores religiosos e morais que eles valorizavam (BRUDNEY; COPELAND, 1984; JOHNSON; TAMNEY, 1982; MILLER; ATTENBERG, 1984). Essa crise de valores teria impulsionado a eleição de Reagan via uma reação aos valores liberais que se tornaram dominantes na década de 1960. Muitos eleitores americanos estavam descontentes com a percepção de que a cultura popular e as políticas públicas estavam se afastando dos valores tradicionais da família, da religião e do patriotismo. Será a partir das eleições de 1980 que a religião e os valores conservadores ganharão preponderância na política estadunidense (HOGUE, 2012). Reagan teria sido capaz de capitalizar esse sentimento e se apresentar como um candidato que defendia esses princípios (HOWISON, 2013).

Nesse sentido, a reação aos valores liberais foi crucial ao enfraquecimento de Carter e a subsequente ascensão de Reagan. A agenda liberal estava enfrentando problemas com a inflação, a crise do petróleo, o desemprego e o aumento da criminalidade (HAYWARD, 2009). Isso levou a um crescente desencanto com essa agenda e a uma busca por soluções conservadoras e personalistas, dando espaço a uma nova forma de liberalismo, o neoliberalismo, em que as políticas sociais eram deixadas de lado, bem como a atuação do Estado em modificar estruturas sociais, em favor do individualismo, acentuando a força do personalismo político e de políticas pró-capital privado (RIBUFFO, 1997).



Sintetizando, a literatura acadêmica sobre a vitória de Carter e a subsequente ascensão de Reagan e a emergência de uma nova forma de conservadorismo nos EUA é vasta. As teorias incluem o declínio do liberalismo, o papel dos valores, a influência da mídia, o papel da religião e o papel da economia. Cada uma delas oferece uma perspectiva única sobre esses eventos políticos e harmonizam-se para configurar o quadro do declínio de Carter e a crise de um Estado social e liberal e a escalada de Reagan e de sua agenda conservadora, moralista e neoliberal.

No entanto, um aspecto muitas vezes negligenciado nessa discussão é o papel desempenhado pelo mito do herói na formação da identidade americana e na projeção de aspirações sociais e geopolíticas. O mito do herói está profundamente enraizado na cultura popular americana, desde os romances de aventura do século XIX até os quadrinhos e filmes de super-heróis contemporâneos. Este mito, muitas vezes centrado em um protagonista masculino branco, forte, com a moral “advinda do campo” (“*american core morality*”) e independente do sistema político, reflete uma visão idealizada do que é “ser americano” e de sua capacidade de superar obstáculos e triunfar sobre o mal.

O uso do mito do herói foi fundamental para a ascensão de Reagan, um antigo ator hollywoodiano que se notabilizou por papéis de heróis em filmes B como militar, líder pároco, cowboy ou detetive. Esse mito sempre teve forte presença na cultura americana, e Reagan buscou explorar esses papéis, contrastando com a imagem de fraqueza associada a Carter.

Assim, a literatura acadêmica sobre a ascensão de Reagan deve levar em consideração não apenas as questões políticas e econômicas da época, mas conectá-las com o elemento discursivo-representativo da influência do mito do herói na formação da identidade do eleitorado estadunidense, em suas projeções político-morais internas e em suas aspirações geopolíticas. Ao



fazê-lo, podemos obter uma compreensão mais profunda dos fatores que levaram à derrota de Carter e à ascensão de Reagan, assim como das tensões e das ambiguidades inerentes à construção de uma identidade nacional baseada em mitos e aspirações. Nesse sentido, pretendemos mostrar que o ressurgimento do Superman, no final do mandato de Carter, com o filme Superman (1978), é um caso exemplar, e que não foi coincidência, mas correspondência de interesses entre público e agente emissor, buscando suprir esse novo Zeitgeist, bem como participar de uma mudança estratégica de novos atores no Partido Republicano, com uma nova forma de se fazer política, contando com certo apoio empresarial para realizar essa profunda mudança na vida política estadunidense e global

A INFLUÊNCIA DO MITO DO HERÓI NA IDENTIDADE E NA POLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS

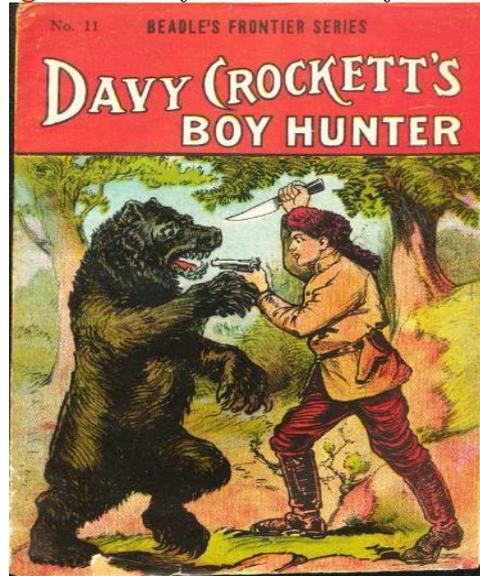
O estilo político adotado por Carter era baseado no homem comum, de fala calma e conciliadora. Isso era o oposto do que os eleitores queriam. Estes buscavam um líder com características mais próximas à de um herói, ativo, firme, e que lideraria o país até seu “destino manifesto” de liderança global e prosperidade interna, para além da conciliação política (PERLSTEIN, 2020). A partir desse desejo, podemos entender a guinada ideológica que se manifestou no imaginário americano, para o qual a figura do herói sempre foi importante, desde a fundação da nação.

Conforme argumenta Boorstin (1965), uma das tarefas primordiais para uma nação é a construção de heróis. Boorstin mostra como o personagem histórico David Crockett (1786-1836), um soldado e político estadunidense, foi popularizado pela tradição oral e pelas dime novels, literatura da qual descenderão os heróis pulp e os quadrinhos de super-heróis na primeira metade do século XX. Personagens como Crockett possuíam uma imagem



idealizada que os americanos tinham de si, apenas exagerando traços comuns, justificando as aspirações estadunidenses do século 19 e 20, e o chamado “destino manifesto” em se domar “os elementos ‘selvagens’”, seja a natureza, seja a população indígena (BOORSTIN, 1965, p. 337 e 411), como se pode ver pela capa da dime novel de Crockett, a seguir.

Figura 1 - Davy Crockett's Boy Hunter



Fonte: The Arthur Westbrook Company, 1908, n. 11

A grande diferença do herói europeu com o mito do herói nascido nos EUA, naquela época, de acordo com Boorstin, era que, em sua grande maioria, os heróis estadunidenses eram pessoas vivas, ou que haviam falecido recentemente, e que tinham suas histórias contadas em “subgêneros literários” e de fácil acesso ao público, por seu valor, linguagem popular e de ação adotadas, como também pelo uso de figuras na divulgação desses mitos.

Primeiramente, havia um resumo cronológico: da lenda oral à forma impressa foram necessários alguns anos em vez de séculos. As lendas eram impressas antes que pudessem ser “purificadas” de vulgaridades e localismos. Em segundo lugar, as primeiras versões impressas ... não estavam na literatura, mas na “subliteratura”. Crockett não foi escrito em nenhuma contraparte americana da *Historia Regum Britannia* nem em nenhuma *Morte d'Arthur*: as anedotas de Crockett mergulharam de cabeça, em uma década, do pequeno mundo



de anedotas ao mundo da impressão. Publicações baratas e de ampla circulação espalharam as lendas de Crockett à medida que caíam da boca dos contadores de histórias. Entraram imediatamente em uma sublitteratura próspera (BOORSTIN, 1965, p. 412, tradução do autor)

As características ressaltadas em Crockett devem também ser levadas em conta em nosso estudo de Reagan. Crockett, apesar de político, identificava-se com a natureza e suas leis. Ele tinha pouco respeito pelo aprendizado em livros, focando sua carreira política mais no individualismo do que no apoio à classe política. Enquanto juiz, dizia que desconhecia as leis e julgava as pessoas “de acordo com o senso natural.” (idem).

Construção parecida também ocorreu com George Washington, uma forma de anti-Crockett, escolhido para ser representado como o mais importante “Pai Fundador” (Founding Father) dos Estados Unidos. A figura de Washington representa a força do mito do herói que se sobrepõe à realidade, mesmo que recente. A figura de Washington, ao final de sua presidência, era malvista por grande parte do estabelecimento político, econômico e social estadunidense, especialmente após o Tratado de Jay (1794), entre os EUA e a Grã-Bretanha, em que ele foi acusado, especialmente pelos Federalistas – que tomariam o poder no futuro, de usurpador e traidor, e sua saída foi festejada em jornais como o fim de uma época que começara bem, mas que corrompera o país que lutaram por criar (CAREY, 1815, p. 17-18). Mas, como afirma Boorstin: “o notável não é que Washington se tornou um semideus, mas que a transfiguração aconteceu tão rapidamente. Não há melhor evidência da necessidade desesperada que os americanos sentiam de um herói nacional do que sua pressa apaixonada em elevar Washington à santidade” (CAREY, 1815, p. 427).

Assim, pode-se notar que, especialmente nos EUA, o mito do herói está enraizado e é manifestado diretamente com o público e suas aspirações políticas, influenciando severamente a conjunção política.



O MONOMITO AMERICANO E A VIRADA CONSERVADORA DE REAGAN

De acordo com Gilbert Durand (2012), as imagens heroicas significam a vitória sobre o destino e o triunfo sobre a morte, operando uma separação e uma valorização de opostos. Não é por acaso que um dos traços do imaginário americano é justamente o maniqueísmo ontológico e moral que divide o mundo entre bons e maus (WUNENBURGER, 2007), um elemento continuamente atualizado e utilizado no discurso político americano. Esse elemento estabelece uma linha divisória clara entre certo e errado, reforçando a ideia de uma batalha épica entre o bem e o mal, criando e atualizando a identidade coletiva e reforçando valores culturais e ideológicos.

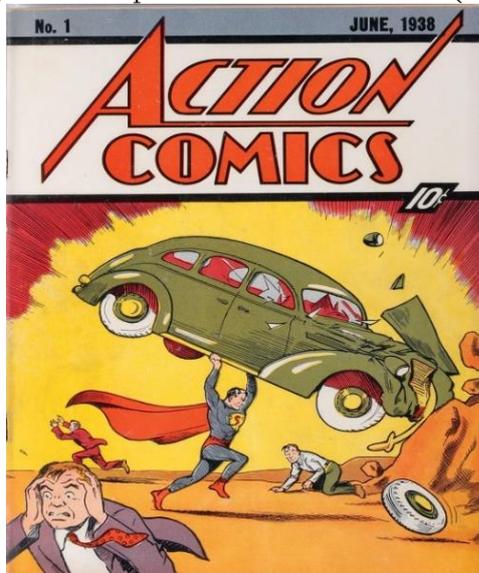
No âmbito do discurso político, essa abordagem maniqueísta é frequentemente explorada como uma ferramenta estratégica para mobilizar os eleitores e fomentar agendas políticas. Os políticos adotam uma retórica polarizada, que eleva suas próprias posições ao status de moralmente superiores, ao mesmo tempo que demonizam seus oponentes. O objetivo é galvanizar os apoiadores, reforçar sua identidade e estimular um senso de união contra supostas ameaças. Esse tipo de discurso polarizador tende a simplificar questões político-econômicas e dificulta o diálogo construtivo e a busca por soluções comuns.

Politicamente instrumentalizado, o herói capta todos os fervores da esperança coletiva, expressando uma visão coerente e completa do destino coletivo (GIRARDET, 1987, p. 66). Para essa instrumentalização ocorrer, faz-se necessária certa adequação entre a personalidade do herói e as necessidades de uma sociedade em um determinado momento de sua história, tornando-se objeto de análise privilegiado para se identificar valores, ideologias e mentalidades (GIRARDET, 1987, p. 82-83).



Assim, heróis representarão, em menor ou maior escala, a tarefa de proteger a comunidade de ameaças externas, especialmente em momentos históricos essenciais à sua formação identitária, seja visando elevar o moral do cidadão durante o New Deal (1933-1939), ou durante e após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Esses heróis, em especial o Superman (criado em 1938 por Jerry Siegel e Joe Shuster), são expressões dos valores culturais contidos no “estilo de vida americano” (*American way of life*), uma referência de autoimagem para a maioria daquela população até os dias atuais, com variações em relação ao nível de influência.

Figura 2 - Capa da Action Comics #1 (1938)



Fonte: Action Comics, v. 1 n. 1, 1938.

Esse parece ser o traço primordial que formará o monomito americano proposto por Lawrence e Jewett (1977). O conceito de “monomito” foi utilizado pelo antropólogo Joseph Campbell para designar um tipo de história que é universal, também chamada de “jornada do herói”. Campbell entende que a humanidade conta a mesma história desde que se constituiu como tal, e essa história é a história do arquétipo do herói. Portanto, o monomito americano, por extensão, seria a história que os Estados Unidos contam para si, uma espécie de “jornada do herói” profundamente enraizada na história e na



constituição dos Estados Unidos como nação (ANDREOTTI, 2023, p.37). O monomito americano reflete o desejo de superar desafios, proteger valores e lutar pelo bem comum, transmitindo mensagens de esperança, coragem e redenção. No caso dos heróis de quadrinhos americanos, essas etapas são especialmente delineadas na figura do Superman, e foram utilizadas de forma extensiva, uma por uma, na campanha política de Reagan. Os estágios incluem: a visão de uma comunidade em harmonia, o campo, representando um estado ideal a ser buscado e defendido; a ameaça ao paraíso, por um vilão interno ou externo, no caso de Reagan, o comunismo e a falta de liderança e antipatriotismo dos democratas, que colocam em risco os valores e a segurança da comunidade; o fracasso das instituições normais em lidar com a ameaça, destacando a necessidade de um herói que transcenda as estruturas existentes; a emergência do herói abnegado (fora da política/justiceiro), com habilidades “sobre-humanas” e um senso elevado de propósito; a renúncia e o sacrifício do herói, abdicando de sua vida normal para proteger e restaurar a comunidade em perigo; as provações e aprendizados que o herói enfrenta, testando seus valores e permitindo seu crescimento; o confronto final entre o herói e o vilão, representando a batalha entre o bem e o mal; e, por fim, o retorno transformado do herói, reinstaurando a comunidade paradisíaca e, acima de tudo, inspirando a instauração desse sentimento na sociedade. Agora partícipe na transformação, o herói vira símbolo de esperança e inspiração.

Assim ele anunciou sua candidatura em 1980:

Nós, os americanos de hoje, lutamos muito em nossas vidas, pagamos um preço mais alto pela liberdade e fizemos mais para promover a dignidade do homem do que qualquer pessoa que já viveu nesta Terra. Os cidadãos desta grande nação querem liderança, sim... Eles querem alguém que acredite que podem “começar o mundo de novo”. Um líder que liberará sua grande força e removerá os obstáculos que o governo colocou em seu caminho. Eu quero fazer isso mais do que qualquer



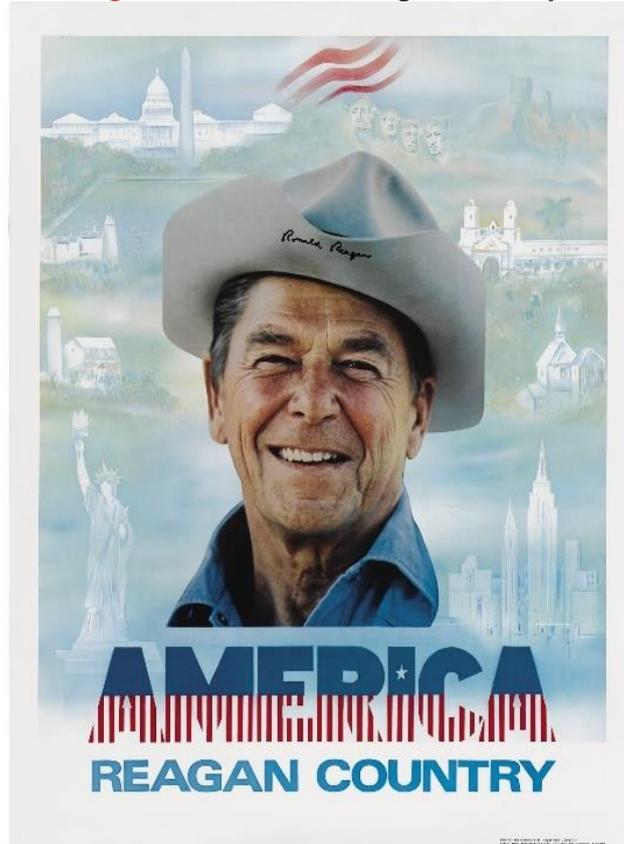
coisa que eu já quis. E é algo que acredito que com a ajuda de Deus posso fazer (REAGAN, 1979).

Era exatamente essa representação heroica que a sociedade estadunidense pedia nos anos finais do governo de Carter, e Ronald Reagan e seus apoiadores acreditavam que ele personificava esse arquétipo. Como disse Arthur Schlesinger Jr., conselheiro do ex-presidente John F. Kennedy, “O país está sedento por uma liderança forte ... e um senso de autoconfiança” (PERLSTEIN, 2020, p. 525). Toda a campanha de Reagan era baseada nos “valores essenciais americanos”, focando em sua liderança, no trabalhador (especialmente do campo) e em sua figura de líder, temente a Deus e de herói e cowboy hollywoodiano (cf. Figura 3). Individualizava-se toda a esperança em resolver os problemas do país em sua atitude e seus valores, mais que em políticas públicas e soluções estruturais.

Também pela primeira vez um candidato afirma que estes valores tradicionais e o *American way of life* estariam em perigo devido a atores externos, como a União Soviética, e internos, quando políticos democratas são acusados de imorais e antipatriotas (PERLSTEIN, 2020; LEVITSKY e ZIBLATT, 2019).



Figura 3 - America, Reagan Country



Fonte: Campanha Publicitária, 1980

Mas sua plataforma, bem como a do Partido Republicano, começou a ser apresentada de uma forma mais agressiva que a de costume, apresentando uma mudança para um tom mais aguerrido nas campanhas republicanas. Essa mudança se deu exatamente no ano de lançamento do filme Superman, em 1978, quando o congressista Newt Gingrich iniciou uma insurgência no Partido Republicano, com o objetivo de introduzir uma abordagem mais combativa na arena política. Gingrich utilizou uma linguagem exagerada, repleta de adjetivos impactantes, retratando o Congresso como um ambiente “corrupto” e “doente”. Questionou o patriotismo de seus oponentes democratas, chegando a compará-los a Mussolini, e acusando-os de querer “destruir nosso país”. De acordo com Steve Anthony, ex-líder do Partido Democrata, “as coisas que saíam da boca de Gingrich, nunca tínhamos [ouvido] isso antes de ambos os lados. Gingrich foi tão além do limite que o



fator de choque deixou a oposição paralisada por alguns anos” (LEVITSKY e ZIBLAT, 2018, p. 121).

Através de um novo comitê de ação política, fundado em 1978 – o Global Organization of Parliamentarians Against Corruption (GOPAC), existente até hoje –, Gingrich e seus aliados trabalharam para disseminar essas táticas por todo o partido. O GOPAC produziu mais de dois mil audiotapes de treinamento, vídeos, livros e quadrinhos, distribuídos mensalmente para alinhar os recrutas da “Revolução Retórica Republicana” de Gingrich, instruindo candidatos a usar certas palavras negativas para descrever os democratas, incluindo “patético”, “doente”, “bizarro”, “traição”, “contra a bandeira”, “contra a família” e “traidores”. Foi o início de uma mudança sísmica na política americana (LEVITSKY e ZIBLAT, 2018, p. 121 e p. 122).

Esses cursos vinham de vários setores conservadores, apoiando o enfoque na “reeducação política dos jovens e jovens adultos”, via Instituto para Assuntos Educacionais ou o Leadership Institute, entre outros, muitos financiados por empresas como Coca-Cola, Dow Chemical, Mobil e Nestlé, empresas que apoiavam a agenda de Estado mínimo de Reagan. Além da política neoliberal individualista pró-mercado, eram organizações que coadunavam com a guinada conservadora moralista proposta por Reagan. Como disse o jornal New Right Report:

[tratava-se] de uma coalização pró-vida (antiaborto), pro-Direito-de-Trabalho (anti-imigração), pró-Defesa (aparelhamento militar), pró-armas, pró-livre-empresa, pró-austeridade nos gastos públicos (mínimo Estado), pró-diminuição de impostos, pró-fazendeiros e anti-ativistas de esquerda. (PERLSTEIN, 2019, p. 526).

Essa mudança se apoiava muito na ligação com o problema posto na época, entre fraqueza e liderança, e na figura do herói. As eleições estaduais foram tomadas por políticos que focavam nesses valores, a exemplo dos



importantes estados de Nova Iorque, Califórnia, Texas e Illinois. Importantes atores estatais pediam “que os candidatos fossem ‘fortes líderes como Reagan’ e ‘como os verdadeiros líderes de Nova Iorque’” (PERLSTEIN, 2019, p. 589), já sendo apoiados por importantes banqueiros e diversos setores não só empresariais, mas aceitos pelo capital financeiro que, antes, estavam ligados ao Partido Democrata. Será nesse contexto que se consolidou nos Estados Unidos o grupo conhecido como neoconservadores, ou neocons. Esse grupo defendia uma política externa fortemente intervencionista e uma radical promoção do livre mercado. Eles viam o sistema de welfare como uma causa de inflação, endividamento e perda de produtividade, e argumentavam que esse sistema contribuía para a criação de um Estado totalizante, que substituíria instituições tradicionais como a família, a igreja e a comunidade, perseguindo uma forma de igualitarismo que consideravam pervertida e abstrata. Em resposta, os neocons propunham diminuir a influência do Estado no bem-estar social, redirecionando os recursos para a defesa e segurança, com o objetivo de restaurar a hegemonia dos EUA e impulsionar uma nova ofensiva militar global, promovendo um novo modelo político-econômico-cultural que mesclava elementos neoliberais e neoconservadores (MOLL NETO, 2021, p. 4 e 5).

Nesse sentido, os neocons trabalharam para serem vistos como líderes “rebeldes” da cena política, que agiam e eram próximos ao povo, em vez do estamento político, enquanto taxavam os liberais como esnobes aristocratas advindos das melhores faculdades (Ivy League) e distantes do povo. O foco no público jovem foi, portanto, essencial a esse grupo, pois acreditavam que era devido ao aumento daquele “Estado totalizante e assistencialista” que “os jovens passaram a valorizar a leniência, a dependência, o consumo de drogas, a pornografia e o sexo expressos na contracultura e nas políticas identitárias.” (MOLL NETO, 2021, p. 4). Não por acaso, em um movimento retroalimentador,



os valores defendidos pelos neocons não apenas influenciaram, mas também foram impulsionados pela crescente produção e consumo de quadrinhos e filmes de heróis, atendendo à demanda criada por esse zeitgeist.

SUPERMAN E A GUINADA CONSERVADORA: SEGUINDO E REFORÇANDO O NOVO ZEITGEIST

Essa guinada política já estava presente nos quadrinhos de super-heróis americanos desde o começo da década de 1970, na chamada Era de Bronze (1970-1985), quando temas sociais e políticos foram explorados como jamais havia ocorrido até então (ANDREOTTI, MARANGONI e ZANOLINI, 2017). As histórias do período, como um todo, com frequência abordam temas sensíveis, como política, desigualdade social, uso de drogas, preconceito e racismo. A moral dos super-heróis, antes maniqueísta, começa a ganhar certas nuances – em alguns casos, até certa dubiedade; os quadrinhos de super-heróis estavam questionando os valores tradicionais americanos e são constantes as histórias em que o Superman duvida de si mesmo (ANDREOTTI, 2023).

Apesar da aceitação desses “valores tradicionais” estarem em declínio durante o período de Nixon e início de Carter, com as quedas da popularidade de Carter e da qualidade de vida da sociedade americana – devido a problemas estruturais internos e globais –, haverá um ressurgimento da crença em uma capacidade individual, e utópica, para a solução desses problemas; um sentimento em que Reagan e os novos líderes do partido Republicano apostarão, e cujo ressurgimento será sua melhor arma política (PERLSTEIN, 2019, p. 514).

Assim, essa necessidade política por heróis, notada pelos republicanos, contava com o apoio não só de anseios sociais, mas de importantes setores empresariais, financeiros e da indústria cultural, que viram nesse movimento



possibilidades de políticas públicas que contavam mais com o individualismo do que com a presença do Estado para auxiliar seus projetos, como visto pelas empresas e grupos que apoiaram a agenda neoliberal de Reagan.

Durante os anos 1970, houve uma contestação dos valores tradicionais americanos. A nova esquerda, a contracultura, o Vietnã, Watergate foram elementos que iam minando a crença até então inabalável nos Estados Unidos como portadores de valores universais e de uma missão divina, de um “destino manifesto”. Nas histórias em quadrinhos do Superman, nesse período, é comum que o personagem duvide de si mesmo, da importância e da relevância de seu papel como herói, se o que faz e como age é mesmo o correto a se fazer, ecoando, desse modo, o sentimento da sociedade americana daquele período. Até mesmo uma tentativa de diminuir seus poderes é tentada, mas não referendada pelo público, em 1971 (ANDREOTTI, 2023, p.127).

Como um contraponto a essa perspectiva, o Superman do filme dirigido por Richard Donner, e interpretado por Christopher Reeve, em 1978, surge como uma recuperação da visão dos anos 1950 e 1960, portador de um otimismo e uma inocência perdidos, e é aclamado pelo público. Como disse Richard Donner:

[tratava-se] de uma coalização pró-vida (antiaborto), pró-Direito-de-Trabalho (anti-imigração), pró-Defesa (aparelhamento militar), pró-armas, pró-livre-empresa, pró-austeridade nos gastos públicos (mínimo Estado), pró-diminuição de impostos, pró-fazendeiros e anti-ativistas de esquerda. (PERLSTEIN, 2019, p. 526).

De acordo com o ator Christopher Reeve: “Queríamos saber se um homem inocente dos anos 30 poderia sobreviver nos anos 70 pós-Watergate” (PERLSTEIN, 2019, p. 515).

O ressurgimento do Superman na cultura popular durante a Era Reagan está, portanto, diretamente relacionado ao uso desse arquétipo na virada conservadora representada por Reagan. O Superman, como um ícone cultural,



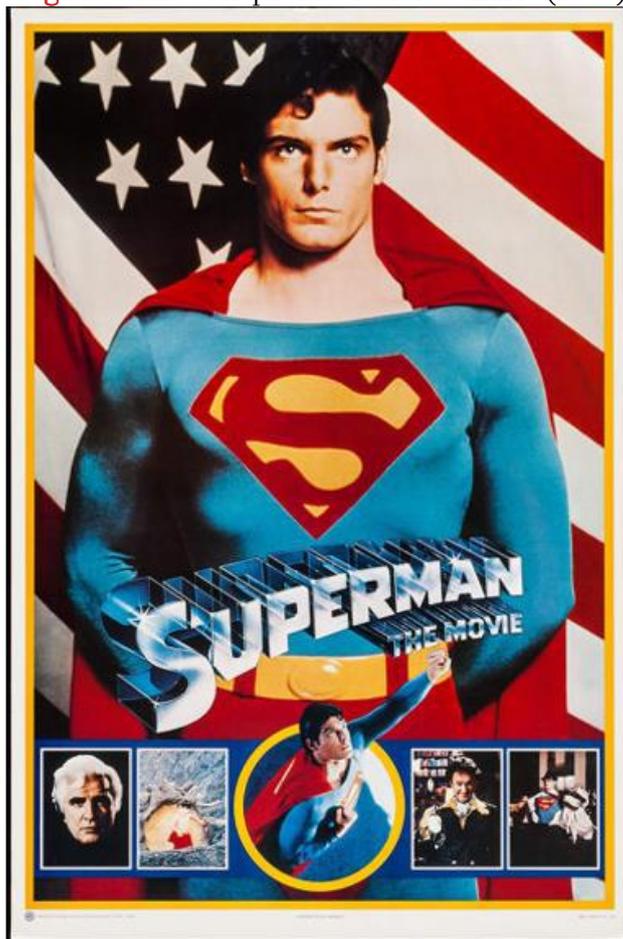
ressurge apresentado como compartilhando muitos valores e características com a ideologia e as necessidades políticas desse período. O Superman é um personagem que personifica os ideais americanos de justiça, verdade e liberdade. Ele é um herói patriótico e um defensor da lei e da ordem. Essas características ressoam a ideologia conservadora que Reagan representava, que enfatizava o retorno aos valores tradicionais e à força da América.

Essa influência determinou toda a agenda discursivo-representacional política de Reagan em seu primeiro e seu segundo mandato – inclusive, em sua campanha de reeleição, em 1984, Reagan adotou o slogan “It's Morning in America” (É manhã na América), para transmitir a ideia de um novo começo e um renascimento da nação. Nesse contexto, a imagem do Superman foi incorporada em comerciais de TV e materiais de campanha, retratando o herói como um símbolo de esperança e renovação.

O uso do Superman como um símbolo político serviu para promover a agenda conservadora, reforçar a imagem de liderança dos Estados Unidos e inspirar confiança na população durante um período de desafios internos e externos.



Figura 4 - Poster promocional do filme (1978)



Fonte: Warner Bros. Heritage Auctions, HA.com

A própria cronologia do filme e do herói em quadrinhos auxiliou essa mudança de sentimento na sociedade estadunidense. Há um importante hiato na trajetória de Clark Kent. Ele esteve ausente durante todo os anos contestatórios de 1960 e parte dos anos de 1970. Essa é a época de sua adolescência, em que o Superman não marca sua presença no mundo, pois estava em treinamento por Jor-El, seu pai de Krypton. Clark somente reaparece em 1978, com superpoderes e com os seus “valores americanos” intatos, em uma cidade, Metrópolis, descrita como caótica, corrupta, suja e confusa. A ideia foi mostrar que Superman traria de volta os valores tradicionais, do meio rural.

O Superman do filme de Donner não presenciou os limites das promessas estadunidenses e a sua realidade desigual, a queda do poder de



compra da classe média e o aumento da pobreza e da desigualdade econômica. Não viu os movimentos negros, como os Panteras Negras, Malcolm X e Martin Luther King (MLK) clamarem por justiça social, nem a bruta repressão policial e de grupos supremacistas a esses movimentos, inclusos os assassinatos de MLK e de John F. Kennedy, e os limites da democracia estadunidense. Também não presenciou o fracasso geopolítico e humanitário da Guerra do Vietnã e seus milhares mortos, nem a erosão da classe política como um todo, com o Watergate. Para Clark, era como se os EUA fossem o mesmo país do pós-Segunda Guerra, forte e sem limites, como ele.

O crítico de cinema Erik Lundegaard (2003) conta que o mais notável, na estreia do filme, foi a mudança da recepção da audiência enquanto o filme se desenrolava. Se, no início, quando Lois pergunta a Superman: “Por que você está aqui?”, obtém a resposta “Estou aqui para lutar pela verdade, justiça e pelo American-way”, a cena rendeu risos da plateia, no final a resposta foi outra, com alto nível de aprovação, tornando-se o filme mais rentável em bilheteria em 1978 e 1979 (LUNDEGAARD, 2003).

Essas palavras, que reverberam certa nostalgia, se encaixam perfeitamente na grande cena e a um específico poder do Superman mostrado no filme: voltar no tempo. Clark decide usar seu poder de ser mais rápido que a luz para revolver em torno da Terra em sentido oposto, supostamente, assim, voltando no tempo para salvar seu interesse romântico, Lois Lane. Como disse Perlstein (2020), a alegoria foi intencional, parte da “desilusão liberal” de Donner, Superman voltando no tempo, aos anos 1950 e 1960, quando havia o sentimento de que os Estados Unidos eram um país mais puro, mais simples.

Como diz Girardet (1987), a promessa de um futuro perfeito baseado em um passado idealizado (uma “idade de ouro”) é tão politicamente capitalizável quanto o mito do herói. Quando ambos estão unidos, como no caso em



questão, suas possibilidades de impacto político tornam-se ainda mais fortes. De acordo com o historiador Ian Gordon (2017), a nostalgia é um traço definidor do personagem, sentimento que está em sintonia com o mito da idade de ouro, o que parece indicar que o Superman está ligado ao triunfo americano, seja evocando um passado glorificado, seja na promessa de uma espécie de volta a esse passado.

Nesse sentido, a versão do Superman apresentada na minissérie em seis edições *Man of Steel*, de 1986, de autoria de John Byrne, já um dos maiores nomes da indústria dos comics à época, expressa valores liberais e conservadores e ecoa aspectos do filme de 1978 – especialmente porque Byrne quis fazer dessa versão uma espécie de síntese de todas as versões do Superman até então, notoriamente a versão do seriado televisivo dos anos 1950 e a cinematográfica de 1978, sintetizando elementos nostálgicos e evocando o passado, ao mesmo tempo que se propunha a atualizar o personagem. Por situar-se em um momento em que a editora DC Comics passava por uma reestruturação editorial de seu universo ficcional, na qual a história do personagem seria recontada para uma nova geração de leitores, o quadrinho se torna ponto privilegiado para entender como o imaginário heroico americano passa a expressar valores alinhados às necessidades políticas da Era Reagan (1981-1989).

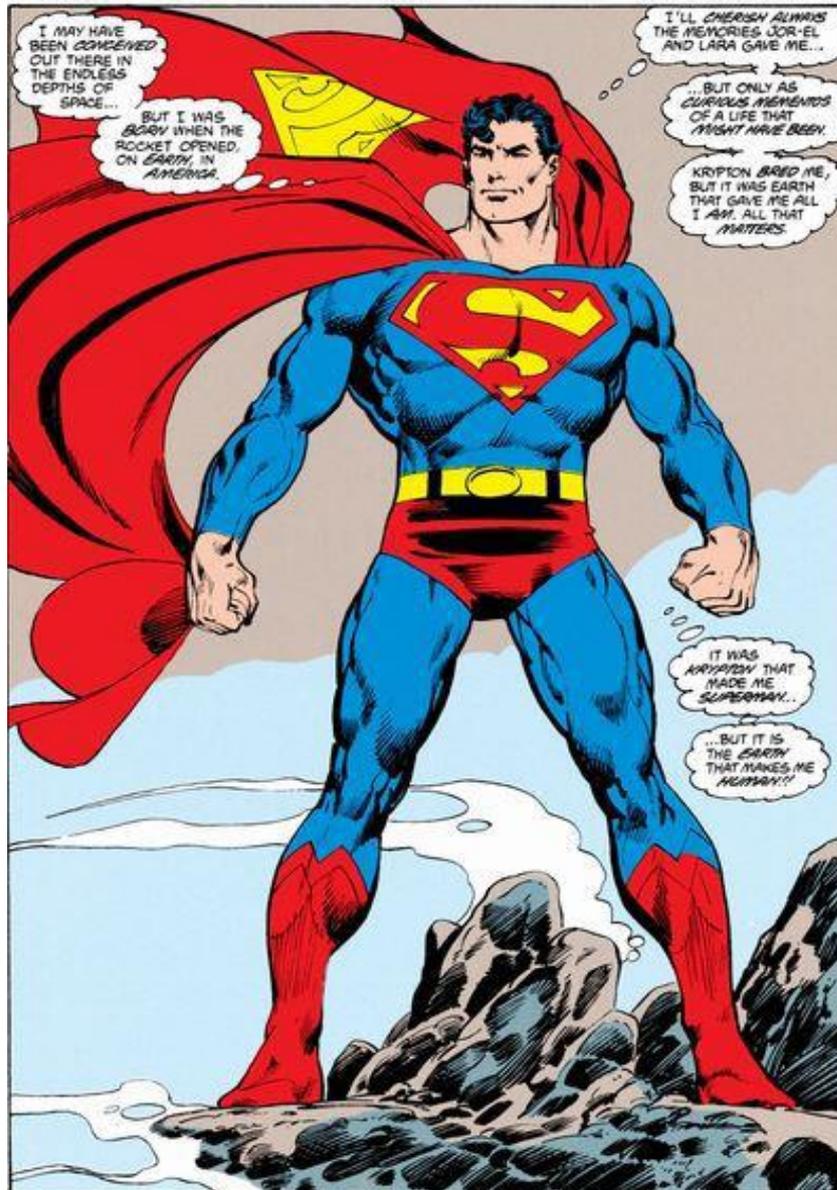
Nessa nova origem do personagem, sua herança kryptoniana será deixada em segundo plano, dando ênfase aos valores americanos de sua origem terrestre, valores que recebeu dos pais, Jonathan e Martha Kent, pequenos proprietários rurais do Kansas – estado do centro-oeste americano. Byrne fará o personagem dizer:

Posso ter sido concebido lá fora, nas profundezas do cosmo..., mas eu só nasci quando aquele foguete se abriu aqui na Terra e neste país. Embora Krypton tenha me gerado, foi a Terra que me tornou tudo o que sou... tudo o que importa. Krypton deu



origem ao Superman ..., mas a Terra me transformou em um ser humano (DC COMICS, 2020, p.158).

Figura 5 - Man of Steel, 1986.



Fonte: DC COMICS, 2020, p. 158

Segundo Santos (2017), o projeto político neoconservador narra a história de uma nação que exclui certos grupos sociais – notoriamente, mas não só, latino-americanos – e, ainda que imigrantes possam ter sua cidadania reconhecida (e tiveram, sob a Era Reagan, com a Lei de Reforma de Controle e Imigração de 1986), não são considerados como pertencentes à tradição fundada miticamente que se expressa principalmente por meio do “destino



manifesto”. É nesse contexto que Clark Kent ganhará predominância sobre Kal-El (nome kryptoniano do Superman). Digno de nota é o fato de que um dos feitos do Superman, na minissérie, é impedir o sequestro de um navio por um grupo de criminosos de origem latino-americana, retratados de maneira extremamente estereotipada, o que parece evidenciar essa cisão entre certos grupos de imigrantes desejados e os não desejados.

Dessa maneira, a identificação do Superman com a classe trabalhadora rural, durante a Era Reagan, reflete o projeto político neoconservador de várias maneiras. Essa representação do Superman como um herói vinculado à classe trabalhadora reforça uma narrativa que exclui certos grupos sociais, como os já citados imigrantes latino-americanos, e fortalece a ideia do *American way of life*.

Como visto, essa valorização da família terrestre do Superman e de seus aspectos messiânicos está em sintonia com o discurso conversador e neoconservador de Reagan, que associou questões econômicas e sociais às questões morais tradicionais, como a importância da família (MOLL; NETO, 2010, p. 91).

O campo, o meio rural, tem um papel importante na cultura americana, especialmente para os conservadores, que enxergam as grandes cidades como corruptoras dos bons costumes e enaltecem as pequenas comunidades como representantes dos verdadeiros valores americanos (TOTA, 2009, p. 20).

Nas mãos de Byrne, o personagem seria um exímio jogador de futebol americano em sua juventude, um quarterback (algumas vezes traduzido como zagueiro), que tem um importante papel ofensivo no time, sendo por vezes o seu líder, o famoso “capitão do time de futebol”, um elemento constante nas narrativas americanas, tornando-se um yuppie (termo da época para designar um jovem profissional urbano bem-sucedido) na vida adulta, marcando um afastamento das classes populares.



A categoria yuppie, à qual o Clark Kent da época parecia pertencer, era eventualmente identificada com uma visão política conservadora e republicana, embora não fosse exatamente uma regra. Os yuppies podiam mostrar atitude política “de oposição”, ou “independente”, sendo mais conservadores no aspecto econômico e mais liberais em questões sociais ou de estilo de vida (FERGUSON, 2016, p. 85). Se eles pareciam mais conservadores ou republicanos, era porque a nova direita de Reagan apresentava-se como uma força detentora do monopólio da mudança e da reforma, por meio de um populismo que se apresentava como antielite e antiestado com matrizes xenófobas (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 290), e os Estados Unidos estavam se tornando exatamente isso: conservadores e republicanos (FERGUSON, 2016, p. 86).

Em 1984, quando Reagan concorreu à reeleição, a economia dos Estados Unidos havia finalmente melhorado, e um dos slogans da campanha era “É manhã novamente na América”, com um comercial de televisão em que apareciam agricultores e pais suburbanos, homens de negócios indo para o trabalho, famílias nucleares tradicionais e felizes (como era a família Kent, de Byrne), e esse sentimento refletiu-se nas urnas: Reagan ganhou com 60% dos votos populares, vencendo em todos os estados, exceto em Minnesota (LEPORE, 2020, p. 749).

Ronald Reagan foi um dos presidentes mais marcantes na história dos Estados Unidos, e ainda hoje os conservadores americanos procuram o próximo Reagan. Essa busca ocorre seja por razões econômicas, uma vez que durante seu mandato houve aumento do PIB, além de queda da inflação e do desemprego. No entanto, esses avanços frequentemente ofuscam fatores



críticos, como o aumento significativo da dívida pública e do crescimento da desigualdade econômico-social³.

Ainda mais importante, nesse arquétipo de presidente que Reagan engloba no imaginário atual estadunidense e durante sua campanha presidencial eram os fatores culturais: Reagan oferecia respostas simples e inteligíveis que ressoavam com a população, e conseguiu restaurar a grande tradição americana do otimismo após os escândalos de Nixon e a apatia de Carter." (GREENSPAN; WOOLDRIDGE, 2020, p. 331-332). O Superman dos anos 1980 representa esse otimismo no imaginário heroico americano, já prenunciado e sentido como necessário anos antes no Superman de Richard Donner, encarnado por Christopher Reeve, em 1978, conforme visto no capítulo anterior.

Uma das principais características do projeto político neoconservador da Era Reagan foi a defesa de políticas econômicas favoráveis aos interesses empresariais e ao setor agrário. Reagan publicizou essas políticas como particularmente voltadas para os trabalhadores rurais, a quem ele descrevia como o núcleo dos Estados Unidos. Nesse sentido, a figura do Superman, um herói cujas raízes estão nas áreas rurais dos Estados Unidos, foi utilizada para simbolizar o trabalhador americano que luta contra as injustiças e defende os valores tradicionais do país. Essa representação visava criar uma conexão emocional entre a classe trabalhadora e a política conservadora, estabelecendo uma imagem de apoio e proteção por parte do governo.

³ Durante a presidência de Reagan, o PIB dos EUA atingiu um pico de 7,2% em 1984, impulsionado por cortes significativos nos impostos e aumento dos gastos militares, enquanto os gastos sociais foram reduzidos. Entre 1981 e 1989, a dívida pública americana quase triplicou, refletindo diretamente as mesmas políticas fiscais e de defesa. Paralelamente, a desigualdade socioeconômica também se agravou, uma vez que os cortes de impostos favoreceram os mais ricos, enquanto a redução nos gastos sociais afetou os mais vulneráveis. Além disso, a desregulamentação favoreceu o setor empresarial, mas diminuiu a proteção e segurança dos trabalhadores de baixa renda, aumentando a disparidade de renda e a insegurança econômica.



No entanto, essa identificação específica do Superman com a classe trabalhadora rural também implicava uma exclusão de certos grupos sociais, como os imigrantes latino-americanos. Durante a Era Reagan, houve um aumento significativo na imigração da América Latina para os Estados Unidos, o que gerou debates e controvérsias sobre a questão da imigração.

Ao associar o Superman à classe trabalhadora rural, frequentemente representada como branca e de origem anglo-saxã, a narrativa reforçou a ideia de uma América tradicional e homogênea. Essa representação excluía implicitamente os imigrantes latino-americanos, que não se encaixavam nesse modelo cultural dominante. Isso fortaleceu a noção de um *American way of life* que priorizava determinadas tradições e valores em detrimento de outros.

Essa narrativa reforçou uma visão de identidade nacional que favorecia a assimilação cultural e a adesão aos valores dominantes. Os imigrantes latino-americanos e outros grupos marginalizados foram vistos como estranhos ou ameaças à integridade desse *American way of life*. Essa representação do Superman como um símbolo da classe trabalhadora rural contribuiu para a construção de uma narrativa que perpetuou essas exclusões e reforçou a ideia de uma América homogênea e exclusiva.

É importante destacar que essa representação do Superman não é universal e nem todas as histórias em quadrinhos ou adaptações do personagem aderiram a essa narrativa. No entanto, durante a Era Reagan, a imagem do Superman como um defensor dos valores tradicionais e sua origem remetendo à classe trabalhadora rural, ao mesmo tempo que também era um yuppie, foi amplamente utilizada para promover a agenda neoconservadora e reforçar a identidade cultural dominante, o que teve implicações na percepção e no tratamento de grupos marginalizados.



Dessa forma, Clark Kent realiza uma espécie de síntese do ideário liberal e conservador nos Estados Unidos, alinhado ao capitalismo neoliberal da Era Reagan, em que os “Estados Unidos eram o país dos homens que vencem na vida sozinhos” (TOTA, 2009, p. 226).

Assim era o Superman dos anos 1980: alinhado ao status quo, afastado do povo americano, de certa forma uma antítese do que fora em sua origem, “campeão dos oprimidos” que jurou dedicar sua existência a ajudar os necessitados, “filho do ethos do New Deal e de Roosevelt” (ROBERTS, 2016, p. 376).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se mostrar como o imaginário heroico americano e sua relação com a ideologia política americana se manifesta na virada conservadora republicana, desencadeada pela percepção dos efeitos do governo Carter e da eleição e governo de Ronald Reagan, a partir de uma análise do filme Superman, de 1978, e da minissérie de histórias em quadrinhos Man of Steel, de 1986, remetidos a um quadro mais amplo das histórias do Superman e dos quadrinhos de super-heróis do período.

Mostrou-se como o público americano buscava um líder que incorporasse traços heroicos de determinação, força e resolução, em oposição ao estilo representado como fraco e indeciso da época de Jimmy Carter, explorando a necessidade de heróis e a construção de mitos com características fundamentais da sociedade americana.

Demonstrou-se a presença do imaginário heroico na ideologia política americana e como a figura do herói foi utilizada como uma representação de valores, ideologias e aspirações geopolíticas, mostrando que a onda de popularidade do Superman, no final do mandato de Carter e durante os anos 1980, correspondeu a uma série de interesses entre público e agente emissor,



buscando suprir esse novo Zeitgeist neoconservador, bem como foi parte de uma mudança estratégica de novos atores no Partido Republicano, com uma nova forma de se fazer política, contando com certo apoio empresarial para realizar essa profunda mudança na vida política estadunidense e global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREOTTI, Bruno Leandro Ramos. *Verdade e Justiça: americanismo e fascismo nas histórias do Superman*. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2023.

ANDREOTTI, Bruno Leandro Ramos; MARANGONI, Adriano; ZANOLINI, Mauricio. *Quadrinhos através da História – as Eras dos super-heróis*. São Paulo: Criativo, 2017.

BOORSTIN, Daniel. *The Americans: The National Experience*. Nova Iorque: Vintage Books, 1965.

BRUDNEY, Jeffrey; COPELAND, Gary. “Evangelicals as a political force: Reagan and the 1980 religious vote”. In: *Social Science Quarterly*. 1984, vol. 65, n. 4, p. 1072.

CANNON, Lou. *President Reagan: The role of a lifetime*. Hachette UK, 2008.

CAREY, Matthew. *The Olive Branch, Or Faults on Both Sides, Federal and Democratic*. Boston; 1815.

CARTER, Jimmy. *Crisis of confidence*. Televised speech July, 15,1979.

COVINGTON, Cary; KROEGER, Kent; RICHARDSON, Glenn, WOODARD, David. “Shaping a candidate's image in the press: Ronald Reagan and the 1980 presidential election”. In: *Political Research Quarterly*. vol.46, n. 4, 1993, p. 783-98.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DC COMICS. *The Man of Steel v.1*. Burbank: DC Comics, 2020.



DUBOSE, Mike. “Holding Out for a Hero: Reaganism, Comic Book Vigilantes, and Captain America”. In: *The Journal of Popular Culture*. PCA, v. 40, n. 6, Dez. 2007, p. 915-935.

DURANT, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FAIR, Ray. “The effect of economic events on votes for president: 1980 results”. In: *The Review of Economics and Statistics*. 1982 Maio 1, p. 322-325.

FERGUNSON, Kevin. *Eighties people. New lives in the American imagination*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016.

FORATTINI, Fernando Miramontes. “O Combate à Corrupção Como Ideologia e Sua Influência Eleitoral” In: *Ideologia: uma para viver*. São Paulo: Editora Matrix, 2022.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GORDON, Ian. *Superman: the persistence of an American icon*. New Jersey: Rutgers University Press, 2017.

GREENSPAN, Alan; WOOLDRIDGE, Adrian. *Capitalismo na América: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

HAAS, Garland. *Jimmy Carter and the Politics of Frustration*. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company. Inc. Publishers. 1992.

HAYWARD, Steven. *The Age of Reagan: The Fall of the Old Liberal Order: 1964-1980*. Crown Forum, 2009.

HOGUE, Andrew. *Stumping God: Reagan, Carter, and the invention of a political faith*. Baylor University Press; 2012.

HOWISON, Jeffrey. *The 1980 presidential election: Ronald Reagan and the shaping of the American conservative movement*. Routledge; 2013 Oct 23.

JEWETT, Robert; LAWRENCE, John Shelton. *The American Monomyth*. Nova Iorque, Doubleday, 1977.



JOHNSON, Stephen; TAMNEY, Joseph. “The Christian Right and the 1980 presidential election”. In: *Journal for the Scientific Study of Religion*. 1982 Jun 1, p. 123-131.

KAUFMAN, Burton; KAUFMAN, Scott. “The Presidency of James Earl Carter, Jr”. In: *American Presidency*. University of Kansas, 2006.

LEPORE, Jill. *Estas verdades*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

LEVITSKY, Steven; ZIBLAT, Daniel. *How Democracies Die*. Nova Iorque: Crown, 2019.

LUNDEGAARD, Erik. *Did Superman Resurrect Patriotism? On Truth, Innocence, and the American Way*. Julho, 2013. Disponível em: <http://eriklundegaard.com/item/did-superman-resurrect--patriotism-on-truth-innocence-and-the-american-way>, Acesso em: 27/09/2020.

MACKENZIE, Calvin; WEISBROT, Robert. *The Liberal Hour: Washington and the Politics of Change in the 1960s*. Penguin, 2008.

MILLER Arthur; WATTENBERG, Martin. “Politics from the Pulpit: Religiosity and the 1980 Elections”. In: *Public Opinion Quarterly*. v. 48, 1984, p. 301-317.

MOLL NETO, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo)conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

MOLL NETO, Roberto. O Neoconservadorismo nos Estados Unidos da América: as ideias de Irving Kristol e a experiência política no governo Ronald Reagan (1981 - 1989). *Revista de História*, São Paulo, n. 180, p. 1-35, 2021.

OLSON, Keith. *Watergate: The Presidential Scandal That Shook America*. University Press of Kansas, 2016.

PERLSTEIN, Rick. *Reaganland: America’s Right Turn 1976-1980*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2020.

REAGAN, Ronald. “*Ronald Reagan For President 1979 Announcement*”. Ronald Reagan Presidential Library & Museum, 13 Nov. 1979, Disponível em: <https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/ronald-reagans-announcement-presidential-candidacy-1979> Acesso em: 16/05/2023.



- RIBUFFO, Leo. "From Carter to Clinton: The latest crisis of American liberalism". In: *American Studies International*. v. 35, n. 2, 1997, p. 4-29.
- ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da ficção científica*. São Paulo: Seoman, 2018.
- ROBERTS, Brian. "Political institutions, policy expectations, and the 1980 election: a financial market perspective". In: *American Journal of Political Science*. 1990 Maio, p. 289-310.
- SANTOS, Ronaldo Alves Ribeiro dos. *Juventude em fúria: representações, tensões e política no governo Reagan*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis. Rondonópolis, 2017.
- SOFFER, Reba. *History, Historians, and Conservatism in Britain and America: the Great War to Thatcher and Reagan*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- STRONG, Robert. "Recapturing Leadership: The Carter Administration and the Crisis of Confidence." In: *Presidential Studies Quarterly*, vol. 16, no. 4, 1986, p. 636-50.
- TEMPO, Carl Bon. "The Liberal Hour" In: *Washington and the Politics of Change in the 1960s*. 2011, p. 332-334.
- TOTA, Antonio Pedro. *Os Americanos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- WARD, Jon. *Camelot's End: Kennedy Vs. Carter and the Fight that Broke the Democratic Party*. Hachette UK, 2019.
- WEISBERG, Herbert F; SMITH JR, Charles E. "The influence of the economy on party identification in the Reagan years". In: *The Journal of Politics*. v. 53, n. 4, 1991, p. 1077-1092.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O Imaginário*. São Paulo, 2007

Data de envio: 12/09/2023

Data de aceite: 12/10/2023